

Joël Pralong

**PORQUE
TEMOS
TANTO MEDO
DA MORTE?**

**ENFRENTAR E ENCONTRAR
A PAZ INTERIOR**



SOCORRO!

O síndrome do colete de salvamento

Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos, por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: «A paz esteja convosco». Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor. Jesus disse-lhes novamente: «A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». E, tendo dito isto, soprou sobre eles, dizendo: «Recebei o Espírito Santo» (Jo 20, 19-22).

O medo ergue muros e forja blindagens cada vez mais fortes à volta das pessoas, pelo medo de se deixarem agarrar por um inimigo real, potencial ou imaginário. Assim se cria um estado de pânico, o que nos amarra a esta realidade ameaçadora, onde desaparece o passado e o futuro.

A razão já não responde. E o avião também não tem piloto.

Para salvarmos a pele, arrancamos uns aos outros o colete de salvamento. Cada qual corre por onde pode para lançar mão às poucas máscaras existentes, ao frasco de desinfetante, sem se importar com o custo... De que temos medo na realidade? De sermos atingidos por uma doença? De perdermos a saúde, ou o emprego? De vermos os nossos entes queridos desaparecer? Da morte? Certamente de tudo isto. Pensávamos que a nossa sociedade era suficientemente forte para nos defender de todos os perigos. Uma mecânica social, sanitária, económica e científica perfeitamente oleada, com os seus governos, os seus ministros, os seus gurus de “saúde e bem-estar”, os seus professores de elevada categoria e os seus sábios da última moda... Mas, mesmo assim, um grão de areia microscópico emperrou toda a mecânica, com as consequências dramáticas que se conhecem. Eis-nos então cercados de medo... O medo de ver o coronavírus onde quer que olhemos: sobre o teclado dos nossos computadores, em tudo o que respiramos, em cada contacto físico, nos bancos públicos e em cada esquina da rua, à espera de nos contaminar. Estaremos a ponto de entrar em pânico e de perder completamente as estribeiras? A menos que o medo decida ir por outro caminho... de liberdade? Quem nos guiará a nós e aos outros de maneira nova?

Mas eis que Jesus Se colocou no meio deles, portador da paz. Nesse instante, os muros caíram. Os discípulos puderam sair de novo. Jesus “desconfinou-os”, à sua maneira. A alegria impelia-os para uma sociedade sem alma e tensa, onde o medo reinava por todo o lado. Uma sociedade de chumbo sob o jugo dos romanos, de religiosidade legalista e hipócrita que acabou com a vida, de perseguidos e de perseguidores, de poderosos e de servos. Tudo na dependência do medo e das ameaças. Estes homens cheios de Espírito Santo estão em situação de doar sangue novo a este mundo doentio, de voltar a dar vigor e cor a este “corpo” anêmico, de lhe trazer novamente a esperança, religando-o às suas raízes profundas, à sua alma, a Deus! Deste modo, no coração das maiores angústias de todos os tempos, Deus é força, paz, constância, alegria. «É por isso que eu me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidades, perseguições e angústias, por causa de Cristo. Tudo posso n’Aquele que me fortalece!», grita São Paulo (2Cor 12, 10; Fl 4, 13).

Mas será assim tão simples? Sim e não. É o que vamos tentar esclarecer neste pequeno livro.

A angústia da morte

O sociólogo suíço Bernard Crettaz analisa rigorosamente a angústia da morte gerada pela covid-19:

Este drama que atinge o conjunto do planeta é revelador de uma riqueza única para o sociólogo que sou! Eu já vivi a chegada da sida, da gripe das aves, mas isto ultrapassa tudo o que conhecia como laboratório vivo. A Suíça, que se pensava forte, que se entregara ao poder de especialistas e de infeciologistas, a esses que nos fazem anúncios todas as noites no telejornal, a Suíça não sabe fazer máscaras! Também me impressiona esta maneira de nos entregarmos a açambarcar o papel higiênico: isto revela a que ponto chegámos na dependência da higiene corporal. [...] É a primeira vez que assistimos a uma paragem da economia mundial. [...] Antes, encontrava pessoas que me diziam: «Crettaz, a morte não nos alcança com tudo isto: nós queremos viver». Hoje em dia, perante este inimigo invisível, mesmo os mais indiferentes se sentem atingidos. Isto obriga-nos a refletir: de onde vem o mal? Quem no-lo envia? Deus? Estará a natureza a vingar-se? São interrogações trágicas, porque nós sabemos que esta epidemia pode muito bem desaparecer, mas outras virão. [...] A morte bate à porta de um Ocidente que vivia mal habituado... [...] Pode-se escolher ser inumado ou incinerado, espalhar as cinzas no lago Léman, no monte Branco, junto de uma árvore.

[...] Aí tudo acaba ! A morte simpática, a morte escolhida
escapa-nos.¹

Com efeito, a morte tinha sido esquecida, rejeitada, negada, escondida... O homem ocidental quer viver o “aqui e agora” ao ar livre, apoiado no mito do eternamente jovem. O seu modelo, à uma da madrugada em todos os bares, veste-se como um belo jovem ou como uma bela mulher, ágil, entre os 15 e os 35 anos, sem rugas, aventureiro em todos os domínios, a gozar plenamente de todos os prazeres da vida, sem conhecer sofrimentos, nem doenças, nem envelhecimento. Uma imagem de uma adolescência que nunca acabaria. Os templos de *wellness* e a cirurgia estética encarregaram-se de conservar o mito. Um paraíso assim, construído pela mão do homem, só pertenceria a uma classe de idade situada dentro de um tempo preciso. Sim, mas e depois?

Que dizer então do homem em agonia a pender de uma cruz há dois mil anos, que nem tem beleza nem formosura, despojado de toda a aparência, numa juventude votada à morte e que agora abarca toda a Humanidade, a da criança, do jovem, do ancião, do rico, do pobre, do doente... desde o nascimento até à morte? Em quem o amor permanece eternamente jovem e de atualidade perene...

Hoje, mais do que nunca, a sua mensagem tem o efeito de uma bomba... de constituição massiva!

¹ Excerto retirado da *Echo Magazine*, 22 de abril de 2020.

Mensagem dirigida ao nosso mundo frágil e efêmero. Ele que assumiu todas as nossas mortes e todas as nossas angústias. Ele que, de condição divina, tem, apesar disso, medo no jardim das Oliveiras... Esta bomba foi colocada nas nossas mãos. Todos sentimos o seu impacto à medida que abrimos os Evangelhos.

Este livro pretende abordar a “pandemia do medo” ligada ao coronavírus, este medo assustador que se infiltrou em todas as nações do mundo. Que sujeitou uma parte da Humanidade ao isolamento. E que, de imediato, fez ver o vazio existencial e espiritual que habita o coração dos nossos contemporâneos. Um odor de morte veio empestar o mito do eternamente jovem; e estas palavras que vieram do fundo dos séculos: «Lembra-te, ó homem, que és pó e em pó te hás de tornar» (cf. *Gn* 3, 19) tornaram-se de uma impressionante realidade. Para este homem “pulverizado”, que mal respira, terá a Igreja uma mensagem que o possa salvar? Como um sopro novo nas suas narinas, embebido no perfume do Evangelho? Certamente que sim! Pelo menos é o desafio deste singelo livro.